



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/09/2020 a 10/09/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>04/09/2020</b>	9,69	309,80	33,08	5,39	3,47
<b>07/09/2020</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>08/09/2020</b>	9,73	307,20	33,57	5,33	3,51
<b>09/09/2020</b>	9,79	310,90	33,21	5,34	3,50
<b>10/09/2020</b>	9,85	311,10	33,13	5,40	3,57
<b>Média</b>	<b>9,76</b>	<b>309,75</b>	<b>33,25</b>	<b>5,36</b>	<b>3,51</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	Média*	
RS – Panambi	129,00	
RS – Não Me Toque	129,00	
RS – Londrina	119,00	
PR – Cascavel	119,00	
MT – C.N.Parecis	122,00	
MS – Maracaju	132,00	CIF
GO - Rio Verde	120,00	
BA – L.E.Magalhães	119,00	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	60,00	CIF
Porto de Paranaguá	58,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	53,00	
SC – Rio do Sul	52,00	
PR – Cascavel	50,00	
PR – Londrina	49,00	
MT – C.N.Parecis	47,50	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	57,00	
SP – Campinas	59,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	58,00	
RS – Não Me Toque	57,00	
PR – Londrina	61,00	
PR – Cascavel	65,00	

Período: 09/09/2020

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 10/09/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	51,38	127,56	58,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
10/09/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	96,24
Feijão (saco 60 Kg)	226,76
Sorgo (saco 60 Kg)	40,80
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,28
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,85**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,22

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Agosto/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Nesta semana mais curta, já que na segunda-feira foi feriado tanto no Brasil (dia da Independência) quanto nos EUA (dia do Trabalho), as cotações da soja em Chicago, completaram 12 sessões de altas consecutivas para o primeiro mês cotado. Com isso, o mesmo fechou a quinta-feira (10) em US\$ 9,85/bushel, contra US\$ 9,68 uma semana antes. Tais cotações não eram vistas desde o início de junho de 2018. Vale destacar que os meses mais próximos a setembro recuaram um pouco nesta quinta-feira (10).

O motivo deste recuo foi que o mercado se posicionou diante do relatório de oferta e demanda, previsto para este dia 11/09, o qual iremos analisar com atenção no próximo comentário. Além disso, um movimento de tomada de lucros por parte dos Fundos também foi sentido no mercado, depois de o bushel ter subido 80 centavos de dólar em 11 sessões.

Neste sentido, as altas se deram em cima de dois grandes motivos: o clima nos EUA e a redução na qualidade das lavouras estadunidenses desde o final de agosto; e a forte demanda mundial por soja e derivados, particularmente da China, após o auge da pandemia e, no caso do país asiático, também em função da recuperação do plantel suinícola após o auge da peste suína africana que por lá se abateu em 2018.

Em termos de exportações, os EUA, na semana encerrada em 27/08, venderam 1,76 milhão de toneladas da safra 2020/21, sendo que um milhão foram para a China. O volume total ficou próximo do máximo esperado pelo mercado. Já em relação a safra 2019/20, o volume vendido ficou em 88.100 toneladas, igualmente ficando próximo do nível máximo esperado pelo mercado para este ano. Também aqui a China foi o maior comprador.

Quanto a questão da qualidade das lavouras, o USDA reduziu um pouco mais o percentual de boas a excelentes, passando o mesmo para 65% neste nível no dia 06/09 (um ponto a menos do que na semana anterior). Outros 25% estavam regulares e 10% entre ruins a muito ruins. Sendo que 20% das lavouras, neste início de setembro, estavam derrubando as folhas, contra 16% na média histórica para a época.

Aqui no Brasil, os preços se estabilizaram, porém, ainda com viés de alta. As altas em Chicago acabaram sendo compensadas pela revalorização do Real, que passou a operar entre R\$ 5,25 e R\$ 5,35 em boa parte da semana. Enquanto isso, os prêmios se mantêm relativamente firmes, mesmo porque a oferta nacional de soja para exportação já está escassa.

Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 127,56/saco, contra R\$ 126,63 na média da semana anterior e R\$ 77,62 na média de um ano atrás nesta data. Nas demais praças nacionais o saco de soja ficou assim cotado: R\$ 119,00 no Paraná; R\$ 122,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 132,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 120,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 119,00 em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Mesmo com a notícia de que a projeção de safra futura no Brasil aponte para 131,7 milhões de toneladas, com um crescimento de 6% sobre a deste último ano, o mercado ainda não cede. Isso ocorre porque é a conjuntura que, por enquanto, define os preços. E esta é de pouca oferta diante de uma forte demanda internacional, com exportações

crescendo acima do esperado, provocando uma competição pela soja que resta entre os exportadores e as indústrias moageiras internas, além de forçar estas últimas a importarem mais quantidade de soja do que o normal. A nova área, que começa a ser semeada, está prevista em 38,1 milhões de hectares, porém, há projeções que apontam 39 milhões de hectares.

O fato é que estamos diante de um momento único para o produtor de soja brasileiro, que teve uma safra normal (a exceção foi o Rio Grande do Sul e Santa Catarina), se capitalizar de forma considerável.

Em Sorriso (MT), por exemplo, produtores com um custo de 54 sacos/hectare e produtividade de 61 sacos, a um preço de R\$ 100,00/saco, poderão obter uma margem de 46,7% na próxima safra, após o sucesso desta última. A questão é o preço se manter nestes níveis e o clima ajudar a ter uma produção normal.

Por outro lado, diante da forte competitividade da soja, mesmo com o milho a preços muito bons, o mercado se mostra preocupado com a possibilidade de redução na área de milho de verão no Centro-Sul brasileiro. As próximas semanas definirão este quadro.

Em termos de comercialização antecipada, a mesma já atingiria a 50% do total da safra esperada, ou seja, um pouco mais de 65 milhões de toneladas. Já a última safra estaria com 98% vendida neste momento. Mesmo no Rio Grande do Sul, onde a estiagem provocou uma perda de 50% na soja deste último ano, as vendas antecipadas da futura safra já atingem a 35% do total esperado. (cf. Safras & Mercado)

Dito isso, é bom destacar que, no geral, a possibilidade de uma remuneração menor ao produtor é concreta, embora não uma certeza, porque os custos de produção subiram e os preços, no momento da colheita, não deverão ficar nos atuais níveis.

Por sua vez, na região conhecida como Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), espera-se um crescimento de dois milhões de hectares nos próximos 10 anos, embora o potencial de expansão por lá seja muito maior. Além desta região, espera-se avanço na área semeada com soja em Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo (cf. Agroconsult)

Por outro lado, em termos de comércio externo, as importações chinesas de soja recuaram em agosto, ao mesmo tempo em que os embarques brasileiros da oleaginosa igualmente diminuíram, diante da escassez do produto neste momento. Em agosto a China importou 9,6 milhões de toneladas de soja, 4,8% a menos do que em julho, porém, 1% a mais do que o importado em igual mês do ano passado.

Nesta época do ano é normal os asiáticos se voltarem para o mercado norte-americano, pois a nova colheita logo se inicia, enquanto na América do Sul entramos no forte da entressafra. Nos primeiros oito meses do ano a China importou um total de 64,74 milhões de toneladas de soja, alta de 15% sobre igual período de 2019.

Em termos estaduais, além do Rio Grande do Sul, tem-se que o Mato Grosso já teria negociado antecipadamente 56% do total até o final de agosto, contra 29% na média histórica. Já para o ano seguinte, isto é, 2021/22 os produtores locais já venderam

3,6% do total esperado, contra 1,3% em julho. Esta ação de venda futura com tanta antecedência é inédita naquele Estado. Também pudera, os preços atuais da soja são igualmente inéditos, inclusive em termos reais. Já a comercialização da safra passada chegou a 93% do total, contra 86% na média história para este ano.

No Mato Grosso do Sul, as exportações de soja encerraram agosto com 36,5% de todos os produtos exportados até então no ano de 2020. Tais exportações de soja cresceram 61% em volume e 55% em valor, em relação ao mesmo período do ano passado. Grande parte desta performance se deve ao câmbio que, na média dos oito meses deste ano, ficou em R\$ 5,27 por dólar, ou seja, 40% acima do registrado em igual período de 2019.

Considerando o chamado Corredor de Exportação do Porto de Paranaguá (PR), nos oito primeiros meses de 2020 foram exportadas 11,1 milhões de toneladas de soja, ou seja, 5,1% acima do embarcado no mesmo período do ano passado. Somando soja, farelo de soja e milho o total chega a 14,9 milhões de toneladas ou 74% do total exportado destes três produtos em todo o ano passado. Em todos os locais nacionais, o grande comprador mundial é a China, seguida de longe pela União Europeia e Coreia do Sul.

Enfim, a falta de chuvas em muitas regiões do Centro-Sul brasileiro, caso do Paraná por exemplo, está travando o plantio da nova safra de soja nesta arrancada.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram igualmente, fechando a quinta-feira (10), para o primeiro mês, em US\$ 3,57/bushel, contra US\$ 3,44 uma semana antes.

Além das expectativas em relação ao relatório do dia 11/09, o mercado trabalhou amparado pelas boas exportações semanais, as quais atingiram a 2,4 milhões de toneladas na semana anterior, para o ano 2020/21, sendo 1,15 milhão para a China. O volume total semanal ficou próximo do máximo esperado pelo mercado, repetindo o ocorrido com a soja. Já em relação a safra velha, o volume atingiu a 95.800 toneladas, igualmente ficando próximo do nível máximo esperado pelo mercado.

Por outro lado, as condições das lavouras de milho estadunidenses também pioraram na semana encerrada em 06/09. Segundo o USDA, 62% das mesmas estavam, na ocasião, entre boas a excelentes, perdendo um ponto percentual em relação a semana anterior. Outros 24% estavam regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Cerca de 79% das lavouras, naquela data, estavam na fase do grão dentado.

A nova colheita de milho nos EUA está iniciando neste mês de setembro.

No Brasil, o movimento de alta dos preços do cereal enfraqueceu neste início de setembro. O final da colheita da safrinha segurou os preços, assim como os compradores se mostraram mais cautelosos. Além disso, muitos produtores têm necessidade de caixa para bancar os custos da safra de verão e forçam mais as ofertas. Neste contexto, entre os dias 28/08 e 04/09 o Indicador de preços

Esalq/BM&FBovespa, com base na região de Campinas (SP), recuou 3,1%, ficando em R\$ 59,06/saco. No final desta corrente semana tal preço se mantinha em R\$ 59,00/saco. Já a média desta semana no Rio Grande do Sul fechou em R\$ 51,38/saco, enquanto nas demais praças nacionais o mercado físico trabalhou com os seguintes preços: R\$ 52,00/saco na região central de Santa Catarina; entre R\$ 49,00 e R\$ 50,00 no Paraná; R\$ 47,50 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 48,00 em Maracaju (MS). Em Goiás o valor ficou em R\$ 50,00/saco nas regiões de Rio Verde e Jataí, enquanto em São Paulo a região de Itapetininga registrou R\$ 57,00/saco.

Já na B3, os contratos de milho no meio da semana estavam com os seguintes valores: R\$ 57,44/saco para setembro; R\$ 57,72 para novembro; R\$ 57,90 para janeiro e R\$ 57,00/saco para março/21.

Dito isso, novas estimativas privadas dão conta que em 2020/21 a produção total brasileira de milho pode chegar a 115,5 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado). Se a mesma se confirmar será um recorde. Há um leve recuo no volume projetado, em relação a julho, devido a problemas no plantio da primeira safra no Norte e Nordeste.

Já a área de milho de verão, em 2020/21, deverá recuar 5% no Centro-Sul brasileiro, para ficar em 3,85 milhões de hectares, em função da preferência dos produtores pela soja. Mesmo assim, se o clima ajudar, poderá haver um crescimento na produtividade média, a qual poderia alcançar 6.225 quilos/hectare. A produção total da safra de verão no Centro-Sul brasileiro chegaria a 24 milhões de toneladas nestas condições, contra 23,2 milhões no ano anterior. O Norte e o Nordeste brasileiros deverão plantar cerca de 2 milhões de hectares neste novo ano comercial, com um recuo de 6,5% sobre o ano anterior. A produtividade média recuará para 4.704 quilos/hectare, com a produção total regional ficando em 9,45 milhões de toneladas, contra 10,2 milhões na safra anterior. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, a safrinha 2020/21 deverá assistir a um aumento de área de 3,3%, chegando a 13,7 milhões de hectares. Considerando uma produtividade média de 5.986 quilos/hectare, agora projetada, a produção total da futura safrinha nacional poderá chegar a 82,1 milhões de toneladas, contra as 73,5 milhões esperadas agora para o corrente ano. De forma geral, a área total com milho no Brasil chegaria a 19,58 milhões de hectares em 2020/21, com leve alta de 0,5% sobre 2019/20, enquanto a produtividade média ficaria em 5.901 quilos/hectare (98,4 sacos/hectare), contra 5.486 quilos do último ano. (cf. Safras & Mercado)

No que diz respeito às exportações, a SECEX indicou que nos primeiros quatro dias úteis de setembro o Brasil exportou 1,89 milhão de toneladas de milho, 15% acima do registrado na última semana de agosto e 29% do total exportado em todo o mês de agosto. A média diária de embarques de milho está, neste início de setembro, 53% superior à média diária do mês passado e 54% acima da média do mês de setembro de 2019. Em valores, o acréscimo é de 58% sobre o ganho diário médio de setembro do ano passado. A tonelada exportada igualmente melhorou de preço, passando em setembro para US\$ 169,80, contra US\$ 165,30 em setembro de 2019.

O Brasil espera exportar 30 milhões de toneladas de milho até o final de 2020. De janeiro a agosto o total atingiu a 13,76 milhões de toneladas. Portanto, nestes quatro meses que restam para terminar o ano a média mensal a ser exportada, para se

alcançar o volume esperado, terá que ser de 4,06 milhões de toneladas. Um volume possível considerando as atuais condições cambiais. Enfim, os principais destinos do milho brasileiro nestes primeiros oito meses do ano foram: Irã (12%), Taiwan (10%), Japão (8,6%), Vietnã (8,4%), Espanha (8,2%), Egito (8,1%) e Coreia do Sul (7,8%). Já a origem deste milho exportado está em 69% no Mato Grosso, seguido de Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul.

Por outro lado, o Mato Grosso espera aumentar em 5% sua área de milho em 2020/21, para atingir a 5,4 milhões de hectares. Com isso, e em clima normal, o Estado espera colher 36,3 milhões de toneladas segundo as últimas projeções. (cf. Imea) Já no Mato Grosso do Sul a colheita da safrinha deverá se encerrar na próxima semana, com a produção final ficando ao redor de 8,65 milhões de toneladas, após uma redução de área semeada em 12,8% neste ano. (cf. Famasul)

Em Goiás, onde a colheita está finalizada, os preços ficaram estáveis apesar do recuo dos mesmos em muitas praças nacionais durante a semana. A safra atual tem sido negociada entre R\$ 44,00 e R\$ 50,00/saco, enquanto a safra futura cai para valores entre R\$ 39,00 e R\$ 41,00/saco. (cf. Ifag)

E no Paraná, 89% da safrinha havia sido colhida até o dia 08/09, enquanto o plantio da nova safra de verão de milho atingia a 16% da área esperada.

Vale destacar ainda que a China tende a se fazer novamente presente no mercado importador de milho em 2021. Isso porque sua produção, que estava prevista para 260 milhões de toneladas, devido a problemas climáticos deverá cair para 240 milhões de toneladas. Ora, seu consumo de milho esperado está na casa dos 285 milhões de toneladas, fato que exigirá dos chineses importações acima de 40 milhões de toneladas no próximo ano. Esta situação deverá favorecer, em particular, os produtores da safrinha brasileira de 2021.

Enfim, não se pode agora ignorar que o Brasil terá bastante trigo disponível a partir do início da colheita do trigo, fato que deverá pressionar para baixo igualmente os preços do milho até o final do ano. Isso exige um monitoramento mais detalhado do comportamento das indústrias de ração instaladas no país a fim de se verificar se as mesmas irão, de fato, substituir o milho pelo trigo, comportamento que seria normal diante dos elevados preços do milho.

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo em Chicago acabaram recuando um pouco nesta semana mais curta devido ao feriado da segunda-feira nos EUA. Assim, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (10) em US\$ 5,40/bushel, contra US\$ 5,43 uma semana antes.

A pressão da entrada da nova safra estadunidense ajudou a baixar um pouco estas cotações nesta semana, além da expectativa quanto aos números que virão no relatório de oferta e demanda deste dia 11/09.

Nos EUA, a colheita do trigo de primavera chegava, no dia 06/09, a 82% da área, contra a média histórica de 87% nesta época do ano.

Em termos das exportações, os EUA, na semana anterior, venderam 585.400 toneladas, sendo que 250.800 toneladas daquele total foram para a China. O volume total semanal exportado ficou próximo do máximo esperado pelo mercado.

Por sua vez, na Argentina as chuvas dos últimos dias ajudaram a recuperar a safra de trigo, que vinha muito afetada pela seca. Os produtores argentinos plantaram 6,5 milhões de hectares de trigo que serão colhidos em dezembro e janeiro próximos. O vizinho país ainda espera colher cerca de 20 milhões de toneladas do cereal, apesar das geadas, granizo e seca que atingiram nos últimos tempos as diferentes regiões produtoras. Neste sentido, regiões como Córdoba e oeste de Santa Fé terão dificuldades para atingir o seu potencial produtivo segundo técnicos argentinos.

No Brasil, a quebra com a geada de final de agosto já começa a impactar nos preços aos produtores. Embora ainda não totalmente contabilizadas, incluindo a queda na qualidade do grão a ser colhido, a quebra deverá provocar no Paraná um recuo de pelo menos 50% na sua safra do cereal, enquanto o Rio Grande do Sul perderia 35%, havendo regiões que se aproximam de 80%.

Desta forma, se a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 58,00/saco, no oeste do Paraná, Estado que já está colhendo o cereal, os preços pularam para R\$ 65,00/saco. Já no norte daquele Estado a média ficou em R\$ 61,00 no final da corrente semana.

No Rio Grande do Sul, até o dia 03/09, 45% das lavouras estavam em germinação e desenvolvimento vegetativo, 40% em floração e 15% na fase de enchimento de grãos. (cf. Emater)

A questão passa a ser agora o volume final de trigo de qualidade superior que o Brasil conseguirá colher, fato que definirá o preço do cereal especialmente na virada do ano. Junto a isso, contará igualmente o valor do Real em relação ao dólar. Em o mesmo recuando para níveis de R\$ 5,00 no final do ano, as importações da Argentina ficam mais baratas e podem pesar negativamente sobre os preços do trigo nacional.